

Autora: Julie de Araujo Pires¹

Título: Dígitos: sobre palavras ainda não escritas

Palavras-chave: escrita, gesto, mão, palavra

Resumo:

Este trabalho constitui reflexão teórico-prática a partir de pesquisa artística acerca do gesto da escrita no nascedouro, nas tensões existentes entre desenho, escrita e fala. Seu desenvolvimento se dá com o processo da alfabetização, que surge como provocação inicial para uma investigação do gesto primordial envolvido no “desenho” das letras de uma escrita, quando no aprendizado daquele que escreve. Por outro lado, observa-se que no cotidiano da “cultura letrada”, utilizamos o alfabeto quase sem percebê-lo que nos custa imaginá-lo como grafismo, no exercício daquele que investe seus primeiros traços a escrever, dando-lhes a forma reconhecível por representar a sonoridade das palavras. Para o desenvolvimento do trabalho, contribuíram os textos de Jacques Derrida, Julia Kristeva, Roland Barthes, Gaston Bachelard, entre outros, e inspiraram as obras de artistas como Mira Schendel e Cy Twombly.

Introdução

Jorge Luis Borges, no conto “A escrita do deus”, destaca o potencial imagético da palavra a partir da metáfora do deciframento necessário à libertação do cárcere. Tzinacan, o mago, se entrega à compreensão de uma escrita sagrada, que atravessaria gerações infindas na pele viva dos tigres. Apenas num relance do olhar, é possível o contato com suas formas. O animal habita a cela ao lado, mas, para a compreensão de sua escrita, faz-se necessário, ainda, o sonho e o devaneio.

O vislumbre dessa linguagem indefinida, sem palavras, ilimitada, emerge na descoberta de catorze termos casuais que jamais serão pronunciados.

A escrita do deus se apresenta como grafia, matéria e transitoriedade. Possui vida, é ser atuante, uma escritura na qual suas palavras se abrem em inúmeras possibilidades poéticas. Não há decifração [im]possível, e Borges se esquiva do seu sentido final. Quem duvidará de sua contemporaneidade?

Nas artes visuais, nos habituamos a presenciar palavras e letras como matéria primeira: amontoadas pelos artistas, rachadas, fragmentadas em significações. Atuantes, inscrevem-se e têm poder de inscrever: telas, peles, paredes, solos, territórios. Recuperam seu potencial gráfico e imagético e nos provocam a lembrança dos gestos primordiais da escrita.

Do exercício da escritura, ao recordar o encontro, na infância, entre o desenho da letra e a sonoridade do alfabeto, surge a vontade em reviver esse momento de descoberta.

Debruçar-se sobre o gesto da mão que escreve no mundo da comunicação e da informação contemporânea e entender o processo de escritura, que traz o “rastro” singular do ser escrevente, nas tensões que se estabelecem entre escrita e pensamento, é também refletir sobre um modo de escrever eletrônico, das editorações, dos textos dinâmicos produzidos em ambiente digital.

1 - Julie A. Pires é Doutora em Artes Visuais (PPGAV), Professora do Curso de Comunicação Visual - Design da Escola de Belas Artes | UFRJ. Desde 2005 atua no quadro permanente deste curso, desenvolvendo pesquisa e extensão, na área de Artes Visuais, com ênfase em Design Gráfico. julie.pires@eba.ufrj.br

Escritura e movimento

Em "As duas fontes da pintura", Roland Barthes recorda a "dupla origem" da pintura, onde "a primeira seria a escrita, o traçado dos signos futuros, o exercício da ponta (do pincel, do grafite, do buril, de tudo o que perfura e estria)" e a segunda, a cozinha, "toda prática que vise transformar a matéria de acordo com a escala completa de suas consistências através de múltiplas operações, tais como o amolecimento, o espessamento, a fluidificação, a granulação, a lubrificação." (BARTHES, 1990)

Duas origens ligadas, portanto, ao envolvimento do gesto das mãos. Considerando naquela primeira o gesto da escrita como uma ação recuperadora do processo criativo, o ato de escrever estaria, deste modo, ligado ao gesto primordial do artista, que para Barthes se apresenta em tudo aquilo que é repetido "por força do descontínuo". Este comentário do autor pode ser compreendido quando observamos algumas obras de Cy Twombly, nas quais a escrita se transforma em gesto e movimento, pois para Barthes, o que produziria a *escritura* não seria o signo, mas sim o movimento:

"Tracem um círculo: produzirão um signo; agora façam-no mover-se: produzirão uma escritura: a escritura é a mão que pesa, avança ou se arrasta, sempre no mesmo sentido, em suma, a mão que trabalha (daí a metáfora rural que designa a escritura bus-trofédon pelo movimento de vaivém dos bois que trabalham no campo)". (BARTHES, 1990:200)

Essa escrita em movimento de Cy Twombly tem sua forma e aspecto final semelhantes a um grafismo infantil, tal qual criança que imita o registro da escrita do adulto, para Barthes ela remete sempre a uma força: "é um *energon*, um trabalho, que oferece à leitura o que ficou de sua pulsão, de seu desgaste. O trabalho é uma ação visível." (BARTHES, 1990:154)

Recuperar este gesto dos instantes remotos, da infância, transformar-se novamente no "pequeno ser que se inclina, apoia, insiste sobre a folha" exige a busca pelo impossível, pelo instante anterior à compreensão da escrita literal, na ligação que de imediato se estabelece com a fala e o pensamento, unindo a mão e a mente no exercício da escrita. Refazer este trajeto da mão que descobre a fala é, ainda, se distanciar da escrita do pensador, do professor, e redescobrir o desenho da letra, sua expressão gráfica e imagética.

Em trabalho publicado em 2015, já havia sido citada a obra "Objetos Gráficos", da artista Mira Schendel, que revelou sua pesquisa a partir da letra numa busca pelo discurso no instante inaugural da escritura: "(...) sentar-me a esperar que a letra se forme. Que assumo a sua forma no papel, e que se ligue a outras numa escrita pré-litera e pré-discursiva." (SCHENDEL in SALZSTEIN, 1997: 256)

Em sua busca por esta pré-litera, sua obra não se atém ao suporte limitado pelo plano e pela página para construir seus Objetos gráficos. Ao contrário, Mira explora a tridimensionalidade possível da escrita e da letra, quando a expõe pelo avesso, em papel transparente, numa sucessão de camadas e entrelaçamentos diversos, expandindo a escrita para além do escultórico, numa explosão da escrita no espaço, que resgata o gesto e apresenta a escrita em dimensões variadas, na dissolução da matéria e da língua.

Emoção comunicável em signos, a escrita para Mira Schendel é gesto solto no espaço. Um modo de compreender a escritura e o mundo, que a transparência dos suportes expõe por todos os lados, na sobreposição de camadas espaço-temporais, num turbilhão de formas e gestos, onde uma anti-escrita é revelada.

Escrita, mão, pensamento

Diz Jacques Derrida: "o recurso à máquina ou ao computador não deve abrir mão da mão". (DERRIDA, 2004:141) Pois no trabalho da escrita sempre a mão estará envolvi-



da. Para o autor, nas máquinas de escrever, do passado, e nos computadores, do presente, são os dedos que operam, “trabalhando mais e em maior número” de modo que tudo isso se inscreve numa história da digitalidade.

Ao considerar a letra que se faz obra, foi preciso explorar a importância do gesto e da mão na descoberta das potencialidades da escrita e das dinâmicas criadoras que lhe dão forma.

Bachelard, lembrando Braque, afirma que este artista menciona seus primeiros desenhos como antecipatórios do ato de gravar, e diz: “para mim, o processo de realização tem sempre precedência sobre os resultados esperados”.

Na gravura, onde a “consciência da mão no trabalho” faz renascer o ofício do gravador, não há contemplação sem o despertar do ato, e neste movimento íntimo e primordial: (...) não é somente o olho que segue os traços da imagem, pois à imagem visual é associada uma imagem manual e é essa imagem manual que verdadeiramente desperta em nós o ser ativo. Toda mão é consciência de ação.” (BACHELARD, 1994:53)

Através do pensamento destes autores, a pesquisa de caráter teórico-prático avança nas questões da própria escritura, permite digressões a partir mesmo do gesto primário da escrita, da letra “desenhada” pela criança, do grafismo que se transmuta em letra e palavra e no sentido de explorar nossa relação com a “técnica” hoje, quando no desenvolvimento da escrita do pensamento.

Para Derrida (2004), significa uma nova experiência, que envolve não mais o “saber intuitivo” como nos processos da escrita à “caneta”, ou da máquina de escrever, onde acreditávamos saber como funcionava, envolvidos em etapas mais ou menos estabelecidas, entre o original e a cópia. No retorno ao computador, para este autor, parece existir um “quase-imediatismo” do texto. Uma fluidez mais próxima a fala, um ritmo mais rápido que muitas vezes nos “ultrapassa”.

A letra, o traço, o alfabeto

“Outros sonhos nascem ainda quando, em vez de ler ou de falar, escrevemos como se escrevia outrora, no tempo em que estávamos na escola. No cuidado em fazer letra bonita, parece que nos deslocamos no interior das palavras. Uma letra nos espanta, nós a ouvimos mal ao lê-la, escutamola diversamente sob a pena atenta.”(Gaston Bachelard)

A motivação, trazida pelos trabalhos de Mira Schendel e Cy Twombly, impulsiona a mão a refazer uma trajetória da escrita, recuperando da letra sua dimensão gráfica: gravar, grafar, arranhar, desenhar.

A partir das investigações propostas pelo trabalho que nomeei “Dígitos”, surgem reflexões no campo da linguagem, da fala e da escrita. O conjunto se dá por meio de camadas diversas, de suportes distintos, que na sobreposição, são iluminados pelo avesso deixando revelar diversas transformações na escrita do plano ao espaço.

Ao longo do processo de criação de “Dígitos”, ao mesmo tempo em que a redescoberta da letra impõe o ofício da escritura, ela resgata o arbitrário entrelace com sua sonoridade que, quando deslocada da palavra, anseia por sentido próprio.

Contudo, a escrita alfabética se caracteriza por sua ligação com o som, a construção do fonema e das palavras, o que não significa dizer que desempenha papel secundário nos processos de significação. É justamente no exercício de sua redescoberta como grafia e sonoridade que podemos retomar a pesquisa sobre a qual nos debruçamos em 2015, fundamentada na argumentação de Jacques Derrida a respeito da subordinação da escrita, como significante secundário, que descende do logocentrismo ocidental, a surgir como um fonocentrismo no pensamento linguístico.



O alfabeto, então constituído na sequência de um teclado, recupera, na organização sistemática, a subserviência da letra, ao mesmo tempo que nos reconduz àquele momento de uma aprendizagem escolar, em estágio pré-silábico, com numeráveis camadas de escritura, traços e pequenos embriões de palavras que surgem ao olhar do espectador. O debruçar sobre a folha de papel, como uma criança que aprende um ofício, o “desenhar” da letra, estabelece uma nova dimensão que traz consigo o gesto e o corpo daquele que escreve se expandindo em outra dimensão imagética.

Dígitos e gesto: através da escrita

O trabalho, portanto, se estabelece e se configura diante destes questionamentos. Escolhi como ponto de partida o surgimento da escrita, pela criança escolar, no seu empenho em compreender o mundo através da alfabetização, mas tendo em mente, ainda, que no Brasil há cerca de 14 milhões de analfabetos (Censo 2010), incluindo aqueles que apenas assinam o próprio nome e outros que se fazem identificar por uma gravura estampada pelo seu dígito.

Ao refazer o trajeto dessa descoberta, busquei compreender a ação envolvida no momento que surge do ofício olho-mão diante da percepção e do aprendizado dos gestos que produzem a escritura, no movimento que vai do traço a letra, do ilegível ao legível, do visível ao sonoro.

No estágio de alfabetização classificado como pré-silábico (FERREIRO, 1999) a criança imagina que o exercício da escrita consiste em reproduzir os traços da escrita dos adultos, que para ela somente mais tarde se configuram em letras como elementos pertencentes à palavras. Neste estágio posterior da aprendizagem, surgem alguns desenhos de letras ou “pseudo-letras” ainda sem o domínio de uma escrita como algo que encontrará seu equivalente em palavras. Somente no estágio silábico cada letra será entendida pela criança como parte de uma sílaba.

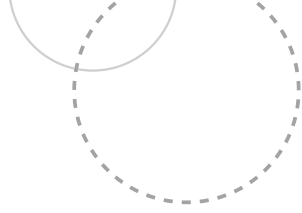
A observação cotidiana de crianças em fase de alfabetização, me fez perceber que, em alguns momentos estas fases se interpenetram, como etapas nem tão definidas, mas que permitem de certo modo um olhar (de)novo para o desenho da letra, a inscrição, o gesto e a sonoridade do alfabeto.

Assim, os “recipientes-lanternas” construídos para “Dígitos”, são formados por camadas de escritura e luz buscando o atravessamento que se apresenta no aprendizado da escrita. O entrelace das expressões que vão do desenho, do traço, ao som da palavra, é disposto em suportes de papel sobrepostos um ao outro, que mais tarde, no apagar das lanternas, apresentam resultados diferentes.

No período de exposição do trabalho, é preciso que se retenha, na experiência do dia a dia, mudanças que ocorrerão de modo aleatório, no esvanecer da energia das lanternas. As transformações decorrentes desta duração trazem consigo o próprio apagamento e dissolução da escrita, como materialidade, diante das comunicações contemporâneas. A luz que trouxera a descoberta do gesto, do ofício da mão, se apaga aos poucos, como em nossa sociedade do alfabeto, do fonocentrismo, o som dos fonemas e das palavras tende a se conectar como sentido próprio ao signo linguístico rebaixando a escrita como significante subordinado à fala fonética. (KRISTEVA, 1999)

O retorno ao alfabeto, à letra como unidade mínima de nossa escrita, teve o propósito de centrar esta investigação no momento da infância, quando uma língua já aprendida pela criança se faz associar ao desenho de uma letra e ao movimento do corpo e gesto necessários, criando pontes também entre o mundo das escritas “mecânicas” (da máquina, do computador e das telas) e sua própria produção manual.

Para cada camada de escritura, gestos foram empreendidos, gestos de aprendiz, gestos de registro, dígitos, caracteres da máquina de escrever. O alfabeto surge de modos possíveis, no envolvimento olho-mão, no exercício do corpo imerso no empenho de uma escrita. No encontro entre sujeito-objeto, gestos que aos poucos emergem do subjétil.



Para Derrida, é pelo traço e pela letra, inscrita, traçada pela vontade do artista, nesse jogo da escrita-imagem, que o sujeito emerge do suporte. No trabalho de Artaud, diz Derrida: "(...) o subjétil – por exemplo, o papel ou a tela – torna-se então uma membrana; e a trajetória do que se lança sobre essa membrana deve dinamizar essa pele ao perfurá-la, ao atravessá-la", confundem-se, então sujeito e objeto, porque o "subjétil pode tornar-se tudo isso."(DERRIDA, 1998:29-45)

Esta membrana dinamizada, parte ativa na escritura, também se deixa perfurar através da luz, mostrar seus poros e imperfeições, o limite entre o grafite e o papel, as falhas nos detalhes dos caracteres vacilantes da máquina, o tremor do gesto ainda a ensaiar as formas de uma escrita a ser codificada.

Considerações finais

Como investigação no campo da arte, "Dígitos" é um dos resultados do investimento pessoal em pesquisa teórico-prática realizada ao longo dos últimos três anos.

A formação profissional, como designer especializada na área de impressos editoriais, impulsionou o pensamento sobre a palavra, a escrita, e questões relacionadas à linguagem, que aqui foram exploradas por meio do comentário deste trabalho. Contudo, o doutoramento em Artes Visuais foi indispensável ao rumo tomado pela pesquisa, quanto ao viés questionador e o olhar investigador dos artistas pesquisados, o entendimento da experiência na arte como parte do processo de compreensão dos problemas abordados, e principalmente o fazer artístico como método e meio de exploração para uma reflexão teórica.

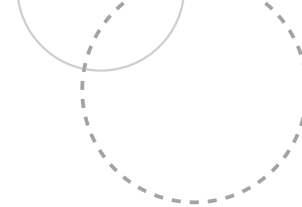
Neste sentido, considero "Dígitos" uma pequena parcela do enorme horizonte de pesquisa aberto em 2013, ao qual me dedico, juntamente às atividades de ensino, parte de um projeto em andamento, que longe de estar concluído anseia por novos caminhos e indagações no campo da linguagem.

Bibliografia

- ALVES, Cauê. Mira Schendel em diálogo com Vilem Flusser: língua e realidade. In: Mira Schendel (Catálogo). São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo/ Tate Modern, 2014. Pp. 35-43.
- BACHELARD, Gaston. O Direito de Sonhar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 4a ed. _____ . A poética do Devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2001. _____ . A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOIS, Yve-Alain; KRAUSS, Rosalind. L'informe: mode d'emploi. Paris: Éditions du Centre Pompidou, 1996.
- BORGES, Jorge Luis. O Aleph. São Paulo: Globo, 2001.
- CAROLI, Flavio; Caramel, Luciano. Testuale: le parole e le imagini. Comune di Milano: Gabriele Mazotta, 1979.
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2005. _____ . Gramatologia. São Paulo: Perspectiva / Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973. _____ . Papel-máquina. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- DERRIDA, Jacques; BERGSTEIN, Lena. Enlouquecer o subjétil. São Paulo: Ateliê Editorial: Ed. UNESP, 1998.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- KRISTEVA, Julia. História da linguagem. Lisboa: Edições 70, 1999.
- SALZSTEIN, Sônia (org.). Mira Schendel a forma volátil. Rio de Janeiro: Centro de Arte Helio Oiticica, 1997.

#15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
International Meeting of Art and Technology



SCHAPIRO, Meyer. *Words, script and pictures: semiotics of Visual Language*. New York: George Brazillier, 1996.

WHITELEGG, Isobel. Mira Schendel: rumo a uma história do diálogo. In: FERREIRA, Glória, BUENO, Guilherme, ASBURY, Michael, MACHADO, Milton (org.). *Arte & Ensaio: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA/UFRJ*, Rio de Janeiro, Edição Especial, 2007. Pp.171-185.

WOOD, Paul. *Arte Conceitual*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ISSN 2238-0272

VENTURELLI, S. e ROCHA, C. (Orgs.). *Anais do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*
Brasília, Brasil: Universidade de Brasília, 2016